

AS POESIAS DA CULTURA SURDA E AS CONTRIBUIÇÕES DO *SLAM DO CORPO PARA OS SURDOS*

*THE DEAF CULTURE POETRY AND THE CONTRIBUTIONS
OF THE BODY SLAM FOR THE DEAF*

Kátia Conserva¹

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
katia.librasvirtual@gmail.com

Denise Viveiros

Universidade Estadual do Ceará (UFC)
prof.devivei@gmail.com

Marta Bezerra

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
marta.bezerra@ifpb.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo sobre o *Slam* do Corpo e as poesias representativas da cultura surda, a partir de elementos culturais e de identidade presentes nas poesias de resistência do *Slam*. Objetiva refletir sobre a relação entre surdo e as poesias bilíngues produzidas pelo grupo *Corposinalizante*, disponibilizadas na plataforma digital *Vimeo*. A discussão parte das possíveis contribuições das poesias em Libras e Português na cultura do grupo de surdos. A metodologia consiste na netnografia, um método baseado na pesquisa de observação na *internet*, em específico analisando as poesias de *Slam* e suas redes sociais e como suas principais representações identitárias e culturais contribuem promovendo mais fortalecimento, identidade e cultura surda.

Palavras-chave: *Slam*; poesia surda de resistência; cultura surda.

Abstract: This work presents a study about the *Slam do Corpo* (Body Slam) and the representative poetry of the deaf culture, from the cultural and identity elements present in the Slam resistance poetry. It aims to reflect on the relationship between the deaf and the bilingual poetry produced by the *Corposinalizante* group, available on the Vimeo digital platform. Discussion starts from the possible contributions of poetry in *Libras* and Portuguese in the deaf group culture. The methodology consists of netnography, a method based on observational research on the internet, specifically analyzing Slam poetry and its social networks and how its main identity and cultural representations contribute fostering more strength, identity and deaf culture.

Keywords: Slam; deaf poetry of resistance; deaf culture.

¹ O artigo é recorte de uma pesquisa apresentada em 2020 como pré-requisito de pós-graduação no IFPB/UAB.

1. Introdução

Ao falarmos da Libras e dos surdos, importa sublinhar que a cultura surda se faz presente por meio dessa língua que traduz vários momentos e vivências da comunidade surda e do povo surdo.

Karin Strobel (2008, p. 29), em seu livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, afirma que “Os sujeitos surdos pela ausência da audição percebem o mundo através de seus olhos, e tudo que ocorre ao seu redor”. Sendo assim, a percepção do mundo pelos surdos se faz predominantemente por experiências visuais que são distintas das do grupo de ouvintes.

Mediante essas experimentações, o povo surdo constrói sua própria cultura e esta se manifesta por diferentes artefatos culturais, tais como: experiência visual, língua, família, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais, todos integralizados na vida do povo surdo.

A partir desses artefatos culturais, Strobel (2008) relata que, na vivência do surdo, a sua experiência visual e linguística acontece. Uma vez que a experiência visual está presente na vida dos surdos, a manifestação literária surda pode ser registrada de diferentes formas, tais como: a escrita de sinais, as fotos, as imagens de câmera, filmagens, celular e outros dispositivos tecnológicos que promovam uma gravação destacando o aspecto visual.

Alguns desses recursos tecnológicos e visuais tornam-se aliados ao compartilhamento e à divulgação da cultura surda em meios digitais, incluindo as poesias de *Slam* em Libras. Essa manifestação consiste em um evento, no qual surdos e ouvintes participam, compartilhando uma arte poética onde apresentam uma relação entre as duas culturas. Pensar na poesia surda que se expressa através das mãos e do corpo também é pensar no ato incansável de luta e resistência das populações e comunidades surdas pelo seu empoderamento linguístico e identitário (SANTOS, 2019).

O *Slam* em Libras aqui no Brasil, realizado pelo grupo *Slam* do Corpo, reúne poetas surdos e ouvintes em uma “competição de poesia falada”, uma vez que utiliza a Libras e o Português em suas manifestações, sendo um espaço de manifestação cultural que reforça a identidade social e uma poesia popular. De acordo com Lucena (2017 p.38), o conceito dessa apresentação seria:

O *Slam* é espaço para poesia do acontecimento. Lugar onde o poeta-performer abre o corpo e suas palavras encarnadas de experiência a um público disposto a mergulhar com ele até as últimas consequências. Afinal trata-se de uma batalha.

Os estudos que abordam o *Slam* como recurso linguístico em meios digitais ainda estão ganhando espaço dentro da comunidade científica. Para referenciar este estudo sobre a temática, pesquisamos no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no *Google Acadêmico* com as seguintes palavras-chave: *Slam*; Surdos, Poesias Surdas, Poesias de Resistência, *Slam* do Corpo. Dentre os trabalhos encontrados, foram escolhidos: 1 TCC, 3 dissertações e 06 artigos porque estavam alinhados à temática discutida no trabalho.

Essa perspectiva é inovadora porque busca verificar como essa arte poética chega aos surdos e como pode ser um recurso utilizado no fortalecimento de identidade surda. Este é o foco deste trabalho, uma vez que buscamos contribuir com discussões acadêmicas sobre essa temática.

Elaboramos a sistematização da pesquisa, a partir do objetivo geral, que consiste em pensar a relação entre as poesias bilíngues do grupo *Slam* do Corpo e a comunidade surda. Mediante os seguintes objetivos específicos: 1. Discutir elementos culturais surdos a partir das produções poéticas encontradas no grupo *Slam* do Corpo; 2. Conhecer poesias de resistência produzidas pelos poetas surdos do grupo *Slam* do Corpo; 3 Analisar as possíveis contribuições presentes nas poesias para os surdos e sua cultura.

A escolha do grupo *Slam* do Corpo para este trabalho justifica-se pela sua relevância e representatividade dentro da comunidade surda. Além do potencial encontrado para análise da poesia, tem sido, também, destaque nas mídias digitais que trazem as batalhas de *Slam*.

Para o recorte da pesquisa, buscamos o ciberespaço, estudo no campo da *internet*. Devido à pandemia da covid-19, de 2020, essa foi a alternativa de trabalho de pesquisa, usando os pressupostos da etnografia virtual, apresentando os estudos da *internet* a partir de uma perspectiva mais social e cultural (HINE, 2004). Para análise do conteúdo das poesias de *Slam*, foram utilizados pressupostos de Lawrence Bardin (2016), uma base para as análises qualitativas de conteúdos, com sua estrutura metodológica descrita na parte da metodologia.

2. Cultura e Cultura Surda da Resistência

A centralidade da cultura defendida pelos Estudos Culturais amplia o olhar entre cultura e objeto, reconhecendo a pluralidade das práticas sociais. Hall (2016, p.33) esclarece “não é que ‘tudo é cultura’, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural”.

Sua teoria embasou reflexões sobre práticas sociais inerentes a grupos minoritários inspirando debates e discursos politizados, imbuídos de reconhecimento e difusão de artefatos culturais. O destaque atribuído à cultura e às suas relações com diversos objetos potencializou a flexibilização do conceito. Agora, as práticas sociais refletem a significância que os seres humanos atribuem a sistemas de significados, por isso, são consideradas práticas de significação. Ou seja, as condutas entre os pares são norteadas por significados que codificam, organizam e regulam (HALL, 2016).

Os Estudos Culturais aliados a estudos linguísticos contribuíram para o reconhecimento da Língua de Sinais bem como o do povo surdo. A transição para esse enfoque libertou os surdos de um estereótipo limitante e vinculado à perspectiva clínica. Hall (2016, p. 26) menciona algo sobre a relação entre pares

(...) a identificação emerge, não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso

desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados.

O processo de identificação se constitui no social, na vida em comunidade. As representações culturais do povo surdo são produzidas pela percepção visual do mundo. Tal elemento não pode ser reduzido ao sentido visão, pois reflete o modo que esse povo se relaciona e estabelece significados em suas práticas comunitárias: sua experiência visual (Strobel, 2008).

A comunidade surda encontra nas expressões poéticas do *Slam* uma forma de expor suas bandeiras e reivindicações, a partir de seus poemas visuais com temáticas representativas da cultura surda.

As manifestações do grupo são fotografadas, filmadas e compartilhadas em redes sociais e no endereço virtual: *Slam do Corpo* (vimeo.com). Os vídeos ficam disponíveis na rede, aumentando a circulação de poesias em Libras na *internet*. Isso faz com que várias pessoas, não apenas os surdos, tenham acesso a esse acervo.

O *Slam* do Corpo traz como diferencial a participação de surdos e ouvintes no mesmo evento de forma simultânea. Nessa trilha, conseguimos observar características biculturais a partir dos vídeos de suas batalhas de poesias.

No que diz respeito ao *Slam* do Corpo, Santos (2018) confirma que, além da relação entre surdos e ouvintes, é na representação das identidades e cultura surda que a performance poética do *Slam* ganha vida.

Sabemos que nessas batalhas, os surdos apresentam, por meio de suas poesias, os sentimentos vivenciados diante de suas experiências visuais, presentes em seus artefatos culturais. Pertencentes a um grupo minoritário, eles ganham “voz” e protagonismo nas performances poéticas. Através do protagonismo das vozes dos surdos é que, a partir de suas manifestações poéticas, se evidencia um discurso em que a representação identitária é bastante presente bem como a postura de resistência frente à postura ouvintista.

Nesse entendimento, podemos avaliar como um momento em que o surdo assume o seu “lugar de fala”, muito abordado na perspectiva das poesias performáticas das “vozes à margem” reproduzidas pelo *Slam* do corpo. Segundo Djamila Ribeiro (2017), o “lugar de fala” equivale a desconstruir narrativas existentes sobre grupos minoritários, exercendo um poder político representado pelo próprio grupo minoritário.

Os vídeos publicados das batalhas de *Slam*, elaborados a partir das manifestações poéticas em Português e Libras, representam uma possibilidade para que os jovens surdos consigam se conectar com sua identidade e cultura. Sendo esse um modelo de manifestação democrática e com uma linguagem diretamente representativa e acessível ao jovem surdo, reflete a voz do grupo de surdos, a empodera, trazendo representações de sua cultura. Nesse contexto, Strobel (2008, p. 30) afirma:

[...] Entendermos a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e comportamentos.

Ainda no que diz respeito à cultura surda, a mesma perspectiva é compartilhada por Strobel (2008, p. 27), pois, para ela, a cultura surda pode ser entendida como:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Compartilhar características comuns dentro de um grupo minoritário como o grupo de surdos é algo que propicia a união em sua representação e identificação enquanto sujeitos pertencentes a um grupo social específico. A sua história cultural é marcada por muitas referências surdas que, durante muito tempo, lutaram por reconhecimento, buscando ganhar espaço e respeito na sociedade, além de resistir à dependência dos ouvintes. Este é um traço bem marcado na cultura surda.

As poesias do *Slam* do Corpo, apresentadas pelos surdos, são carregadas de uma representação e história de seu povo. Em alguns eventos, o surdo apresenta uma poesia de *Slam* compreendendo as duas línguas envolvidas nas manifestações poéticas.

As autoras Quadros e Spence (2006) levantam a bandeira de que toda produção poética em língua de sinais é uma expressão de orgulho surdo. Dessa feita, podemos entender que fazer poesia é também um símbolo de resistência, de afirmação da cultura e identidade do grupo de surdos.

Poetas que utilizam a língua de sinais é possível entender como o povo surdo tem sido direcionado a responder à poesia e criar conexões entre si e toda comunidade usando o compartilhamento de experiências culturais e linguísticas específicas de pessoas surdas. (SPENCE; QUADROS, 2006, p. 546)

A constituição da identidade surda se inicia a partir dos artefatos culturais surdos, como literatura visual, experiência visual, língua de sinais e outros, com base nos processos de identificação e diferenciação bem como nas mais diversas manifestações culturais surdas.

O fortalecimento desse grupo estaria diretamente ligado à identidade e à forma de manifestá-la entre sua comunidade. Assim, manifestações culturais surdas poderiam ocorrer, sem sofrer nenhum tipo de violência ou represália de outros grupos: os não surdos. Esse acontecimento se dá, portanto, de uma maneira diferente na comunidade ouvinte com traços culturais de sua cultura e identidade surda. Para a autora surda Perlin (1998, p.39),

O principal fator de influência da identidade surda é a língua de sinais, que permite a comunicação e interação com o mundo por meio da modalidade visual espacial, livre da marginalização imposta pela modalidade oral auditiva, como é comprovado por estudos sobre surdez presentes na literatura da área.

Esse fato nos apresenta a língua de sinais criativamente como uma forma de arte e um ato de fortalecimento desse grupo linguístico minoritário. É a partir da construção dessa identidade dentro dos movimentos surdos que esses sujeitos apresentam uma identidade fortalecida, a consciência sobre o que é “ser surdo”, buscando utilizar os artefatos culturais que constituem esse grupo (RAMALHO *et al.*(2018) in PEIXOTO, 2018).

Nesse viés, é possível notar que a cultura e a identidade surda têm uma relação muito representativa na poesia do *Slam* do Corpo.

3. *Slam* e o grupo *CorpoSinalizante*

O *Slam* é uma apresentação de poesias, mais especificamente uma competição de poesias. Roberta Estrela D’Alva (2014) apresenta o *Poetry Slam* como um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades por todo o mundo.

Segundo D’Alva (2011), o *Poetry Slam* é visto como uma competição de poesia falada como também um ambiente para livre expressão poética, sendo uma forma artística de expressar pensamentos, sentimentos, experiências e ideias através da poesia sem, necessariamente, seguir a métrica e as exigências da Literatura Clássica e os poemas e poesias que aprendemos no ensino regular.

Atualmente, o *Slam* é utilizado para designar performances e batalhas de poesia com uma roupagem de entretenimento entre o grupo de surdos, fazendo parte da cultura deles também e trazendo-lhes um lugar de voz e representatividade.

Esse gênero teve seu início fora do Brasil e, após ganhar muita notoriedade em outros países, chegou aqui. Segundo Neves (2017, p. 93), o primeiro *Poetry Slam* aconteceu em Chicago, nos Estados Unidos, em meados dos anos 80, quando Mark Kelly Smith, um operário da construção civil e poeta, um trabalhador, em colaboração com outros artistas, começou a organizar as batalhas de poesia, com o intuito de tornar esse gênero discursivo mais popular, em contraponto aos círculos acadêmicos de poesia, tão canônicos e excludentes, trazendo um caráter mais popular e acessível às pessoas. Isso se confirma na percepção dos espaços onde aconteciam as apresentações poéticas como praças, espaços abertos e em locais bem mais democráticos.

Roberta D’Alva ² trouxe o *Slam* ao Brasil em 2008 e fundou uma competição chamada ZAP!SLAM, na cidade de São Paulo. Segundo a *slammer* (poetisa), essa sigla significa “Zona Autônoma da Palavra”, algo que mantém a essência do evento e de tudo o que ele representa. Uma forma diferenciada de manifestação poética, com uma linguagem muito peculiar e única de cada *slammer* que se apresenta durante as batalhas.

Atualmente, aqui no Brasil, somente a cidade de São Paulo possui mais de 50 *slams*, uma performance poética que apresenta muita representatividade de grupos minoritários em suas poesias. Dentre esses grupos, temos o *Slam* do Corpo, criado pelo grupo *Corposinalizante*, que reúne poetas surdos e ouvintes que utilizam a Libras e o Português em suas batalhas,

² Roberta Estrela D’Alva trouxe o *Slam* para o Brasil em 2008, depois de uma viagem aos Estados Unidos, e organizou em São Paulo o primeiro *Slam* (D’ALVA, 2014).

sendo um espaço de manifestação cultural e reforço de sua identidade, apresentando uma poesia popular e representativa.

Nas competições de poesias de *Slam*, são debatidos temas como política, posicionamentos sociais e algumas questões como aborto, feminismo, racismo, entre outros assuntos. Muitos grupos utilizam esse espaço artístico de voz poética como lugar de amplificação de vozes que antes eram silenciadas (ESPOSITO; PEREIRA, 2019).

Segundo Lucena (2017 p. 13), “o grupo de *Slam* que performa com ouvintes e surdos teria o ‘beijo de línguas’ como um ato poético e performático”. Para a autora, quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram no palco para apresentar a poesia, eles se “entrelaçam” como um beijo, misturam sua cultura, fazendo dessa performance uma poesia única.

As poesias de *Slam* se configuram por meio do gênero poético. As manifestações acontecem de forma diferente, com temas diferentes. De acordo com Gomes (2016), a literatura segregada e marginalizada retrata deficientes, negros, mulheres e outros grupos minoritários. Um grupo minoritário como os surdos sempre sofreu violência simbólica por terem suas vozes silenciadas, não podendo se destacar e ter o seu próprio protagonismo literário em obras consideradas clássicas de valor e prestígio. Por muito tempo, as vozes dessas minorias não eram ouvidas por não ser concedido o seu protagonismo real.

Por essa exclusão, os grupos minoritários buscam o movimento social e artístico como forma de força e resistência, realçando a liberdade na manifestação artística junto com o protagonismo de suas vozes.

Corroborando esse olhar, Neves (2017) reforça o trabalho que a resistência do *Slam* impõe, muitas vezes, na própria divulgação. Por serem os próprios organizadores do evento que divulgam os seus trabalhos em suas redes sociais como *You Tube*, *Facebook*, *Instagram*, *Vimeos*, compartilhados e curtidos por milhares de pessoas, não há a utilização de recursos governamentais ou empresariais.

O *Slam* surge como forma de manifestação artística e literária, uma vez que apresenta poesias com temáticas que representam as minorias. O primeiro grupo de *Slam* com surdos e ouvintes no Brasil foi criado pelo “Corposinalizante”, coletivo que reuniu surdos e ouvintes em uma performance poética com a Libras e o Português.

O grupo apresentava em suas batalhas poéticas, com poetas surdos e ouvintes, um entrelaçamento entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Como na maioria dos *Slams*, as regras são iguais. As etapas das batalhas possuem o primeiro momento, chamado “Microfone Aberto”, onde as pessoas expressam livremente em Libras ou Português a poesia e, em um segundo momento, acontece a “Batalha de Poesias” com regras como qualquer outro *Slam*: 1. Poesias até 3 minutos; 2. Nada de figurinos ou acessórios; 3. Temática livre; 4. Jurados escolhidos algum tempo antes na plateia (SANTOS, 2018; D’Alva, 2014).

Essas etapas constroem a batalha do *Slam* do Corpo, de uma forma democrática e poética, com *slammers* surdos e ouvintes mostrando uma poesia cheia de representatividade, criatividade e subjetividade.

4. Construção da Metodologia

A metodologia utilizada para a análise do conteúdo baseou-se em Bardin (2016) que consiste em 3 fases metodológicas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. Teve início com uma observação em ambientes virtuais do grupo *Slam* do Corpo, buscando compreender o fenômeno cultural dentro da sociedade que utiliza o ciberespaço para diversas práticas culturais.

Em seguida, fizemos a observação detalhada nas plataformas digitais, *Vimeo* e *You Tube*, e, dentro delas, a codificação do material que seria utilizado para análise do estudo, alinhado com objetivos específicos. Nesse processo, foram enumerados 34 vídeos na plataforma do *Vimeo*.

Após essa etapa, foi feita uma análise geral das poesias de *Slam*, primando pela qualidade do trabalho. Fez-se um recorte na produção elegendo apenas uma das poesias, a fim de se realizar a análise e discussão de acordo com o objetivo do trabalho, que tenciona discutir a relação entre as poesias bilíngues do grupo *Slam* do Corpo e a comunidade surda.

A partir dessa estrutura, buscamos fazer o estudo da poesia “*Pequeno Manual da Cultura Surda*”, manifestada por uma dupla: um *slammer*³ ouvinte que declama junto com uma poetisa surda uma manifestação autoral em Libras e Português e sua performance poética. Trata-se não de uma tradução, e sim de uma manifestação entre as duas línguas e duas culturas. Também optamos por utilizar o texto em Português e o *link* da apresentação em nota de rodapé.

5. IV Poesia Surda: Pequeno Manual da Cultura Surda

Para fazer a relação entre poesias surdas, cultura surda e suas contribuições para os surdos, buscamos um recorte. No universo de 34 vídeos disponíveis na plataforma, escolhemos a poesia que retrata a representação identitária e cultural e está alinhada com o objetivo geral do estudo.

A seguir, o *Slam* intitulado PEQUENO MANUAL DA CULTURA SURDA, apresentado pelos *slammers* Catherine Moreira e Cauê Gouveia, na etapa final do campeonato de poesia *Poetry Slam Zap*, em 2015, organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e do *Slam BR*.

Um: A palavra é surda!
Não é surda-muda.
Muda, é uma pessoa que não tem voz.
O surdo tem voz.
Se você duvida, deixa ela gritar no seu ouvido.

Dois: Libras é uma língua completa com gramática e tudo.
Não é mímica.
Igual... Aquele jogo... Imagem e ação!
Não!
Também não é gesto.

³ Nome do poeta apresentado nas batalhas de *Slam*.

Tipo... “o banheiro é pra lá!”o? Qual f
Sinais podem significar palavras.
Mas também representam estados emocionais diferentes
Que deixam palavras como S-A-U-D-A-D-E, no chinelo!
Quer ver?
Saudade...

Três: Não existe milagre
“Por que essa surda não usa aparelho, pra ouvir logo?”
Todos os procedimentos para normalizar as pessoas
Envolvem dor, custo e risco.
Envolve dizer “você tá errado!”
“Você tá errada!”
Tem um padrão e você não se encaixa.
Quer aprender um sinal?
Opressão!

Quatro: O surdo pode ser esperto, lerdo, legal
Chato, tímido, bravo.
Homem, mulher.
Nenhuma das alternativas
Todas as alternativas.
Igual a uma pessoa, sabe?
Se você se sente diferente, assustado
Incomodado com o outro
Quer aprender?
Empatia, empatia.

Ao analisarmos as poesias, entendemos que não são apenas manifestações artísticas simples, mas também uma forma de colocar a voz e assumir o protagonismo de questões que, muitas vezes, não são discutidas pela sociedade, sendo este um recurso importante na construção social do sujeito surdo.

Assim, no detalhamento da poesia, os *slammers* dividem-na em quatro trechos. Na primeira parte da manifestação poética, nos trechos 01 e 02, é trazido o significado da palavra “surdo”, o conceito correto a partir da perspectiva surda, desmistificando a palavra – “surdo/mudo” –, termo pejorativo para a cultura surda.

A seguir, também, é abordado o conceito de Libras como língua, reforçado na primeira parte da poesia, apresentando uma relação com a representação identitária surda. Isso realça o que Quadros e Sutton-Spence (2006, p.114) apresentam em suas pesquisas: “[...] utilizando a língua de sinais criativamente e como uma forma de arte é um ato de empoderamento em si mesmo para um grupo linguístico minoritário oprimido”.

No segundo momento da poesia surda, nos trechos 03 e 04, os poetas rompem barreiras e desmistificam os estereótipos, combatem o preconceito que, muitas vezes, sofrem na sociedade, trazendo a ideia de alteridade e identidade, dialogando com a diferença que se reflete no pertencimento do povo surdo, em um processo de representatividade da pessoa surda. Desse modo, ratifica-se o pensamento de que as pessoas surdas diferem dos ouvintes apenas pela impossibilidade de escutar. De acordo com Skliar (2016 p.55):

O estereótipo que atribuem aos surdos faz com que as pessoas se oponham, às vezes, disfarçadamente e evitem a construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo de sua composição distorcida e inadequada.

Diante das informações expostas, seria possível estabelecer uma ligação entre a poesia apresentada com as outras disponibilizadas na plataforma, que, trazem, de uma forma geral, a representação cultural surda fortificada para o surdo, por meio da valorização de seus aspectos culturais.

Em conformidade com esse raciocínio, Castro Júnior (2015) assinala que quando o surdo explica e mostra as narrativas surdas, tratando do tema cultura do surdo, ele se faz entender a partir de sua língua e identidade surda, apresentando questões culturais através de sua língua. Tal pensamento embasa os trechos 01 e 02 da poesia analisada, “Pequeno Manual da Cultura Surda”.

Tomando por base o objetivo do presente trabalho, podemos ressaltar que as contribuições dessas poesias para o fortalecimento identitário e cultural dos surdos são de suma importância.

Pensar na poesia surda que se expressa através das mãos, do corpo, também é pensar no ato incansável de luta e resistência das populações e comunidades surdas pelo seu empoderamento linguístico e identitário (SANTOS, 2019), porque é com ela que o surdo ganha sua representatividade não apenas no espaço educacional, mas também na sociedade como um todo.

6. Considerações Finais

Buscamos refletir sobre as contribuições das poesias surdas, apresentadas pelo grupo *Slam* do Corpo para a comunidade surda. Conseguimos observar a importância de uma arte poética que manifesta um entrelaçamento cultural e linguístico, entre surdos e ouvintes, sendo um manifesto de resistência surda e abraçada pela comunidade surda. Tudo isso se evidencia a partir de seus elementos culturais representados em sua arte poética de maneira autoral.

Considerando os conteúdos aqui destacados, a partir de um recorte, fica demonstrado que muitas outras pesquisas ainda podem ser realizadas sobre as poesias surdas, e outras contribuições para o meio acadêmico serão sempre bem-vindas.

Na poesia de *Slam* analisada, constata-se o quanto a poesia do grupo *Slam* do Corpo é representativa, carregada de informações identitárias e culturais surdas, como delineado no exemplo do poema intitulado: “*Pequeno Manual da Cultura Surda*”, o qual reforça a importância do assunto abordado, visto que o mesmo pode impactar fortemente na constituição identitária e cultural do sujeito surdo.

É válido pontuar, então, que as competições de *Slam* são espaços de manifestação artística e atuação política. Lugar onde os grupos minoritários protagonizam sua voz a partir de sua própria cultura, caminhando numa perspectiva contra-hegemônica dos grupos majoritários. Por conta disso, trabalhos de pesquisa que trazem discussões de fortalecimento cultural de grupos menores são relevantes.

7. Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- CASTRO JÚNIOR, G. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: ALMEIDA, W.G. (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus, BA: Editus, 2015.
- CUNHA, R. D. S. da. **Literatura de cordel em rede: o fazer com tecnologias digitais**. Mossoró: UFERSA, 2018.
- D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119 - 126. 2011. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 22/12/2021.
- GOMES, B. C. **Uma análise das obras da Literatura Surda infantil no Brasil**. 2016. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Graduação em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf. Acesso em: Nov/Dez 2020.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Qualidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997. Jul./Dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71361>. Acesso em: 21 Dez. 2021.
- HINE, **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.
- KIRCHOF, E. R.; REIS, T. F. dos. Uma análise dos surdos como sujeitos bilíngues nas redes sociais. In: CORRÊA, Y.; CRUZ, C. R. (orgs.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Editora Penso, 2019. Cap. 9, p. 143-155.
- LUCENA, C. **Beijo de Línguas: quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram**. 2017. 154 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20478#preview-link0>. Acesso em: 07/2020.
- MARTINS, Emerson. **Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina**. 2005. 208 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102705>. Acesso em: 12/2021.
- NEVES, C. A. B. Slams: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, Campinas. v. 30, n. 2, p. 92-112. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/135272>. Acesso em: 21 Dez. 2021.
- PEIXOTO, J. A.; J. A.; VIEIRA, M. R. **Artefatos Culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa: Sal da Terra, 2018.

PEREIRA, C. M.; ESPOSITO, D. R. O. Espaço feminino nas competições de poesias Slam: discurso de resistência na performance de Gabz. **Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 14, n. 1, p.99-110, 2019, jan./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v14e1201999-110>. Acesso em: 21 Dez. 2021.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73

QUADROS, R. M.; SPENCE-SUTTON, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis RJ: Arara Azul, 2006.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, N. J. O Slam do corpo e a representação da poesia surda. **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 11, p. 1-13, 2019. Out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688>. Acesso em: 21 Dez. 2021.

SLAM: **Voz de levante**. Direção: Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D’Alva. Brasil/ Estados Unidos: Pagu Pictures, 2017. Documentário (95 min.).

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. *et al.* Os craques da Libras: a importância de um festival de folclore sinalizado. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 1, p. 78-92, 2016. Fev. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/rs.v1i1.35847>. Acesso em: 21 Dez. 2021.